

**A CONSTITUIÇÃO DA NOÇÃO DE PALAVRA
DURANTE A AQUISIÇÃO DA ESCRITA**

**THE CONSTITUTION OF THE NOTION OF WORD
DURING ACQUISITION OF WRITING**

**LA CONSTITUCIÓN DEL NOCIÓN DE PALABRA
DURANTE LA ADQUISICIÓN DE LA ESCRITURA**

Carmen Regina Gonçalves Ferreira, FURG

Possui licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura (FURG), licenciatura em Pedagogia (UNINTER), especialização em Ciências Sociais na Educação (URCAMP), mestrado em Educação (UFPel) e doutorado em Educação (UFPel).

carmenreginaferreira@yahoo.com.br

<http://orcid.org/>

0000-0001-9251-7274

RESUMO No presente artigo, dados de segmentação vocabular, produzidos por uma criança do 2º ano do ciclo de alfabetização, foram descritos e analisados com vistas à discussão concernente a aspectos relevantes para a constituição da noção de palavra durante o período inicial de desenvolvimento da escrita. Objetiva-se verificar quais são as percepções infantis no processo de aquisição da escrita a respeito do que seja uma palavra, tanto no âmbito da fala como da escrita. Os dados foram coletados por meio de entrevistas que visaram indagar sobre o que a criança entendia ser uma palavra (CARRAHER, 1989). A interpretação das respostas teve o suporte da teoria dos constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL, 1986). Os resultados mostraram que os critérios são oscilantes, pois há momentos em que a criança interpreta a palavra de acordo com o número de letras e em outros, como sílabas, evidenciando que a trajetória em direção à palavra apresenta multiplicidade de acepções.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da escrita; Noção de palavra; Segmentação vocabular.

ABSTRACT: In the present paper vocabulary segmentation data, produced by a child in the 2nd year of elementary school, are described and analyzed for the purpose of assisting a discussion concerning relevant aspects as for the construal

of the meaning of what a word is during the initial stage of writing development. It is aimed at finding out what are the child's perceptions concerning what a word is both in spoken and in written language along the process of writing acquisition. The data were collected through clinical interviews intended to inquire about the child's understanding of the concept of word (CARRAHER, 1989). The the interpretation of the answers was based upon the theory of prosodic constituents (NESPOR; VOGEL, 1986). The results showed that the criteria are fluctuating, as there are times when the child interprets the word according to the number of letters and in others, as syllables, showing that the trajectory towards the word has a multiplicity of meanings.

KEYWORDS: Acquisition of writing; Sense of the word; Vocabulary segmentation.

RESUMEN En este artículo, se describieron y analizaron datos de segmentación de vocabulario, producidos por un niño en el 2º año del ciclo de lectoescritura, con el fin de discutir aspectos relevantes para la constitución de la noción de palabra durante el período inicial del desarrollo de la escritura. El objetivo es verificar cuáles son las percepciones de los niños en el proceso de adquisición de la escritura sobre lo que es una palabra, tanto en el habla como en la escritura. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas que tuvieron como objetivo indagar sobre lo que el niño entendía por palabra (CARRAHER, 1989). La interpretación de las respuestas se apoyó en la teoría de los constituyentes prosódicos (NESPOR; VOGEL, 1986).

Los resultados mostraron que los criterios son fluctuantes, pues hay momentos en que el niño interpreta la palabra según el número de letras y en otros, como sílabas, mostrando que la trayectoria hacia la palabra tiene una multiplicidad de significados.

PALABRAS CLAVE: Adquisición de escritura; Noción de palabra; Segmentación de vocabulario.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No período inicial da alfabetização é natural que as crianças ainda não estejam familiarizadas com as convenções do sistema de escrita, e em função disso, acabam formulando hipóteses e buscando possibilidades muitas vezes nada convencionais, porém possíveis, que podem indicar regularidades e/ou singularidades relevantes à área da aquisição da escrita, como, por exemplo, a ocorrência de processos de juntura de palavras, hipossegmentação (acasa/ a casa) ou mesmo a inserção indevida de espaços no interior da palavra, hipersegmentação (a migo/amigo) (FERREIRO; PONTECORVO, 1996). Essa instabilidade na noção de palavra evidencia um período de experimentação com a escrita

que sinaliza a instabilidade de compreender o que constitui uma palavra gráfica.

A fim de contribuir com as discussões acerca da noção de palavra, apresenta-se parte um estudo que teve por objetivo descrever e analisar dados de segmentação vocabular infantil, a fim de discutir aspectos relevantes à constituição da noção de palavra ao longo da alfabetização. Com os resultados encontrados, pretende-se subsidiar reflexões acerca de como o processo de aquisição da escrita vai evoluindo sob a ótica de quem o está adquirindo a escrita, não apenas mostrando quando graficamente demarcam as fronteiras vocabulares conforme a norma, mas também quando a criança em fase de alfabetização, chega ao entendimento de que cada segmento gráfico separado por espaços em branco constitui-se em uma palavra no sistema de escrita.

Para finalizar essa seção introdutória, é importante referir que o presente estudo situa-se na interface de dois importantes campos de conhecimento, a saber, a linguística e a educação. Considerando-se a importância de pesquisas que se desenvolvam nessa interface, acredita-se que os dados empíricos apresentados serão relevantes para a área linguística, uma vez que estudos que tratam sobre a complexidade em se definir a palavra são de grande dificuldade para os linguistas, dadas as múltiplas dimensões em que esta unidade pode ser enfocada, as quais nem sempre coincidem, além de apresentarem diferentes graus de relevância. Acredita-se que igualmente trarão contribuições para a educação, uma vez que podem subsidiar reflexões que auxiliem no ensino do uso escrito da língua de forma eficaz, principalmente, aos professores de anos iniciais do Ensino Fundamental, que são os primeiros a trabalharem com a língua materna de forma institucionalizada nas escolas.

A RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA

Um dos princípios que regem o sistema notacional da escrita alfabética refere-se ao fato de o registro corresponder à representação da sequência de unidades sonoras que ouvimos quando pronunciamos uma palavra, as quais em nível mais abstrato referem-se aos fonemas.

A cadeia sonora que se ouve é fruto de constantes reestruturações, das unidades significativas, palavras e orações, as quais são decorrentes de operações cognitivas inconscientes, sempre reguladas pela fonologia da língua, mais especificamente pela prosódia (NESPOR; VOGEL, 1986). No entanto, quando escrevemos o nível de abstração é distinto daquele da fala, porque necessitamos detectar essas reestruturações de forma mais consciente, desfa-

zendo processos de juntura e sândi, como observados, por exemplo, em uma sequência como [askazaza'zujs], cuja grafia corresponderá à 'as casas azuis', na escrita. O ato de escrever exige, portanto, a obtenção de um segundo grau de representação simbólica, que requer delimitar unidades dentro de uma cadeia contínua de sons produzidos de forma linear e coarticulada para então transpô-la à forma escrita (KATO, 2001).

Este é um exemplo claro de que a aquisição da fala não ocorre da mesma forma que a aquisição da escrita, por serem dois processos distintos de aquisição (KATO, 2001). Há evidências, no entanto, de que em alguns momentos do percurso de aquisição da escrita ambos os processos podem se entrecruzar, em episódios intitulados por Abaurre (1991) como vazamentos de fala na escrita. Na perspectiva de Miranda (2009; 2014), o conhecimento linguístico é a principal base para a produção das primeiras escritas alfabéticas e, portanto, o momento propício para que a criança atualize o conhecimento fonológico que construiu nos seus primeiros anos de vida. Também, Miranda e Veloso (2017) afirmam que a relação entre o desenvolvimento fonológico e a aprendizagem da leitura é bidirecional, enquanto aquele alimenta a aprendizagem da leitura e da escrita, esta pode reformatar aspectos do conhecimento fonológico. Em consonância com tais autores é coerente pensar-se que dados de escrita iniciais podem revelar indícios da representação fonológica dos sistemas linguísticos. Assim, retomando o *insight* piagetiano, referido em Kato (2001), de que "a percepção das propriedades de um objeto torna-se mais fácil quando o confrontamos com outro objeto de natureza semelhante", pode-se dizer que a criança se utiliza de conhecimentos que guardam semelhança entre si para alavancar novas aprendizagens e são, portanto, os conhecimentos fonológicos acerca da língua materna aqueles que estão acessíveis a ela no momento da produção de suas primeiras escritas alfabéticas.

A INSTABILIDADE DA NOÇÃO DE PALAVRA E A SEGMENTAÇÃO NÃO CONVENCIONAL

O estudo desenvolvido pelas pesquisadoras Ferreiro e Teberosky (1999), com a Psicogênese da Língua Escrita, apresenta uma série de investigações sobre a construção dos conhecimentos do domínio do sistema de escrita, por meio da identificação dos processos cognitivos subjacentes à aquisição desse sistema em um exercício que busca compreender a natureza das hipóteses infantis e desvendar o tipo de conhecimento que a criança manifesta ao iniciar a aprendizagem escolar.

A metodologia empregada na pesquisa desenvolvida pelas autoras é inspirada no método clínico de Piaget, que oferece ferramentas ao pesquisador para que ele possa ir além da verificação dos erros e acertos e tenha a oportunidade de desvelar as formas de pensamento subjacentes às respostas dadas. Assim com base em pressupostos piagetianos a aprendizagem é entendida como processo de Equilibração que deriva de duas ações cognitivas, assimilação e acomodação¹. A partir da análise dos dados, Ferreiro e Teberosky (1999) interpretam os erros cometidos pela criança como indicadores de fases do processo de aquisição, em razão das hipóteses das crianças sobre a escrita, as quais são inferidas pelo analista.

O capítulo 4 da *Psicogênese da Língua Escrita* traz importantes reflexões sobre a forma como as crianças tratam a segmentação vocabular e, conseqüentemente, sobre sua noção a respeito da palavra gráfica. Para Ferreiro e Teberosky (1999) é preciso não perder de vista que a definição de palavra e a decisão de quando se escreve junto ou separado não necessariamente corresponde a pausas reais na locução ou àquilo que o sistema de escrita definiu como palavra.

Durante o processo de aquisição da escrita, a criança poderá, sem maiores dificuldades, afirmar que a oração lida pode estar escrita na frase inteira, em apenas uma palavra ou em qualquer parte da oração. Posteriormente, percebe que a escrita se apresenta como uma espécie de ponte entre o referencial e o fonológico. No entanto, ainda não considera os clíticos como palavras. A respeito da classe morfológica dos artigos, a criança parece acreditar que eles não necessitam uma representação escrita, visto que já se sabe pelo substantivo, por exemplo, que será masculino ou feminino. Posteriormente, a criança começa a perceber as palavras termo a termo ao conseguir observar no escrito a correspondência com as distintas fragmentações que podem operar sobre o enunciado (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Essas dificuldades observadas no processo de aprendizagem da escrita, no que diz respeito à noção de palavra, a partir dos processos de segmentação, têm sido o foco de atenção de muitos pesquisadores que se atêm ao estudo da escrita inicial infantil (ABAURRE 1991; BAEZ, 1999; ABAURRE; CAGLIARI, 1985; CHACON, 2004, 2005; CAPRISTANO, 2007; TENANI, 2004, e CUNHA, 2004, 2010). Todos esses estudos descreveram e analisaram a escrita inicial infantil como produto final de uma construção do escrito e colocaram a

1 Assimilação pode ser interpretada como a incorporação pela modificação do meio, que pode ser de forma física ou psíquica. Acomodação seria objetivamente, a modificação do organismo em decorrência da assimilação (PIAGET, 1972).

discussão sobre a noção de palavra no centro dessa problemática.

A tarefa de descobrir o que vem a ser uma palavra é, segundo esses autores, um dos muitos problemas que o alfabetizando enfrenta ao se deparar com o sistema de escrita. Tais problemas podem ser de ordem prosódica, sintática e semântica. E os critérios utilizados pelas crianças na tentativa de representar o sistema de escrita configuram-se em indícios da forma como estão construindo um conhecimento sobre a sua língua (ABAURRE; CAGLIARI, 1985).

Assim, para entender o princípio alfabético, a criança terá que aprender que a escrita é a representação da sequência de sons que ouvimos, quando uma palavra é pronunciada, e que as letras representam as menores partes dessa sequência sonora. Deve aprender ainda, qual o valor sonoro que cada uma das letras pode assumir e em que posições e sequências as letras podem ser colocadas nas palavras, que precisam ser separadas por espaços em branco na escrita. Esses conhecimentos não são adquiridos naturalmente, ao contrário, constituem uma série de conceitos que precisam ser (re)elaborados durante a aquisição da escrita. Isso significa dizer, que a criança precisa reelaborar em sua mente uma série de aspectos que a humanidade consagrou na escrita, ao criar esse tipo de notação. Essas decisões dizem respeito a conhecimentos que, para adultos alfabetizados, parecem decisões ou informações ‘já dadas’, quando há todo um processo cognitivo que a criança terá que vivenciar (MORAIS, 2005).

OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados analisados neste artigo foram extraídos de uma pesquisa mais ampla que teve como objetivo verificar o processo pelo qual as crianças, em fase de alfabetização, passam ao tentar conceber o que constitui uma palavra, tendo em vista os possíveis obstáculos de ordem linguística: fonológica, semântica e/ou morfológica, bem como lexical. Para o presente estudo serão apresentados os dados de Renan², 7 anos, por apresentar dados referentes à trajetória da criança em direção à palavra escrita convencional, que é marcada por transformações que evidenciam o processo evolutivo vivenciado no processo de aquisição da escrita no 2º ano do ciclo de alfabetização. Os dados foram coletados por meio de três entrevistas ao longo do ano letivo (nos meses de maio, setembro e novembro) conduzidas com a utilização do método clínico-

2 A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como os seus responsáveis, uma vez que trata-se de pesquisa com seres humanos e tem como participantes crianças. O nome utilizado é fictício para preservar a identidade do sujeito.

-crítico piagetiano, conforme proposto por Carraher (1989), com o propósito de compreender as razões das escolhas gráficas observadas.

Os dados apresentados são referentes a uma das tarefas que teve como objetivo identificar as hipóteses infantis elaboradas sobre o que constitui uma palavra gráfica em contraste com a realidade escutada³, com base no estudo de Ferreiro (2013), que investigou se crianças alfabéticas poderiam apresentar dificuldades para identificar a unidade palavra nos níveis da fala e da escrita.

O procedimento ocorreu da seguinte forma: a) primeiramente a criança ouvia a frase dita pela pesquisadora, enunciada em velocidade média e sempre com o mesmo padrão de pronúncia (até 2 vezes); b) após, a criança deveria repetir oralmente a frase ouvida contando cada palavra (nº de palavras contada oralmente pela criança); c) em seguida deveria escrever a frase (nº de palavras escritas pela criança); d) por fim, deveria ler o que escreveu contando quantas palavras identificava na frase circulando-as (nº de palavras circuladas pela criança na sua escrita após leitura). Nos casos em que a criança, ao ler, considerou um número diferente de palavras em relação a sua escrita inicial, foi apresentada a categoria 'Recontagem', que corresponde à ação, por decisão da criança, de refazer a escrita após a leitura.

Optou-se, primeiramente, por usar frases de ditados populares, que por serem conhecidas não onerariam a memória de trabalho. Como forma de complexificar o instrumento, a partir da 2ª entrevista, foram utilizadas frases que continham fenômenos típicos de fronteiras vocabulares, como os casos de juntura e de sândi⁴.

Os dados foram analisados conforme a escala prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), teoria que analisa o modo como o fluxo da fala se organiza em um conjunto finito de unidades fonológicas, além de ser, também, uma teoria das interações, ou seja, das interfaces entre a fonologia e outros componentes da gramática, mediadas pela prosódia (NESPOR; VOGEL, 1986). Tal proposta tem se mostrado pertinente para a análise de dados de segmentação não convencional como mostram os estudos de Cunha (2004, 2010) e Ferreira (2011, 2016).

3 Realidade escutada é um termo utilizado por Ferreiro (2013) para referir as palavras escutadas pela criança.

4 Contextos como estes propiciam contextos de reestruturações silábicas, como pode ser observado nas frases a seguir: a) Ela achou a camisa usada ontem no sofá. 1. ela achou > el [a] chou: degeminação; 2. camisa usada > cami [zu] sada: elisão e 3. camisa usada > cami [zaw] sada: ditongação.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS REFERENTES À TAREFA DE SEGMENTAÇÃO NA FALA/ESCRITA

Nesta tarefa, como já mencionado, tem por base o estudo de Ferreira (2013) e objetivou identificar as hipóteses elaboradas pela criança sobre o que constitui uma palavra gráfica, em contraste com a realidade escutada. Os dados mostraram que no início do ano letivo, Renan não manteve a mesma contagem na fala e na escrita, pois para a contagem na fala, a criança teve como base a sílaba e no momento de reconhecer os segmentos como palavra na escrita considerou cada letra, como se observa a seguir:

Figura 1 - Segmentação da frase I – 1ª Entrevista – Renan

1ª Frase: <i>Saco vazio não para em pé.</i>	
Nº de palavras consideradas pela criança – Fala 09	Forma como segmentou Sa co va zio não pa ra em pé.
Nº de palavras consideradas pela criança – Escrita 04	Sacova zicho não paraepe.
Nº de palavras consideradas pela criança – Recontagem 21	S a c o v a z i c h o ã o p a r a e p e

Fonte: Elaborada pela autora

No momento em que precisou contar o número de palavras na fala obteve-se a seguinte segmentação (01):

(01)

Sa co va zio não pa ra em pé.

Aqui se observa que a criança está considerando a sílaba e não a palavra. No entanto, no momento em que precisou escrever esta frase o critério passou a ser o prosódico, como se pode observar na representação das frases fonológicas em (02):

(02)

[Sacova] φ [zicho] φ [não] φ [paraempé] φ

Observou-se que Renan em um primeiro momento criou um caso de

híbrido (CUNHA, 2004): ‘Sacova zicho’ (saco vazio) e no final da frase um caso de hipossegmentação: ‘paraepe’ (para em pé). Mesmo criando essa forma de segmentação na escrita, quando vai contar o que escreveu, a criança conta cada letra, embora tenha lido como escreveu: ‘SA CO VAZICHO NÃO PARA E PÉ’. A seguir, é possível verificar como Renan leu o que escreveu e depois como conta o que considerou como palavras na frase:

Pesquisadora: Vamos ver agora o que tu escreveste aqui?

Renan: SA CO VAZILHO NÃO PARA E PÉ

Pesquisadora: E quantas palavrinhas tem aqui?

Renan: Hum, mais que vinte, pera aí, vinte e dois.

Pesquisadora: Tu achas que tem vinte e dois? Vamos conferir?

Renan: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um.

Pesquisadora: Vinte e um.

Renan: É.

Pesquisadora: Então aqui tem vinte e uma palavrinhas ou letrinhas?

Renan: Vinte e uma palavrinhas.

Pesquisadora: Palavrinhas? E por que que tu separaste aqui? (aponta as fronteiras de cada segmento escrito)

Renan: Pra que não ficasse todas juntas... ia ser ruim.

Pesquisadora: Não podem ficar todas juntas?

Renan: É.

É possível perceber que Renan realiza três movimentos diferentes: primeiramente conta com apoio silábico, após escreve em blocos originando casos de segmentação não convencional refletindo a percepção de domínios prosódicos referentes à organização da fala (ABAURRE, 2011) e por fim, ao contar as palavras que escreveu conta cada letra escrita como sendo uma palavra.

A partir dessas declarações da criança é possível verificar que trata letra e palavra como sinônimas, mas sem o apoio visual na hora de contar as palavras, a sílaba é a referência de contagem para a criança. A letra só é considerada, quando há o material escrito para ser contada uma a uma.

Na 2ª coleta, em setembro, na frase com contexto de sândi, surgiram dificuldades com identificação das palavras tanto na fala como na escrita. A seguir, pode-se conferir a forma como a criança segmentou as palavras (fala/ escrita) na segunda entrevista:

Figura 02 - Segmentação da frase I - 2ª Entrevista – Renan

1ª Frase: <i>Ela achou a camisa usada no sofá.</i>	
Nº de palavras consideradas pela criança - Fala 14	Forma como segmentou E la a chou a ca mi sa u sa da no so fá.
Nº de palavras consideradas pela criança – Escrita 09	E la a chouacami sa u sa da nosofa.
Nº de palavras consideradas pela criança – Recontagem 15	E la a cho u a ca mi sa u sa da no so fa.

Fonte: Elaborada pela autora

Quando a criança precisou contar as palavras na fala, realizou utilizando o recurso da contagem nos dedos. Necessitou refazer a contagem em função de ser difícil de lembrar cada sílaba da frase e contar ao mesmo tempo para além dos dez dedos. No momento em que precisou escrever a frase, criou, primeiramente, uma hipersegmentação 'E la' (ela) e, após, um caso de híbrido 'a chouacami sa' (achou a camisa). Depois, tornou a hipersegmentar 'u sa da' (usada) e, por fim, hipossegmentou a estrutura 'nosofa' (no sofá). O dado que muda em relação à coleta anterior é que Renan não usa mais a letra como base para contar cada palavra escrita e sim a sílaba. A primeira contagem na fala difere da recontagem em um número, porque na primeira vez a criança considerou como duas estruturas independentes 'a chou' (achou) e na segunda hipersegmentou ainda mais a palavra 'a cho u' em três partes distintas.

Na última entrevista, já no final do ano letivo, observou-se que Renan parece perceber os limites das palavras diferentemente do que ocorreu nas coletas anteriores, pois quase inexistem dados de segmentação não convencional, como se pode acompanhar na figura 03 que segue:

Figura 03 - Segmentação da frase I - 3ª Entrevista - Renan

1ª Frase: <i>O caderno é verde escuro.</i>	
Nº de palavras consideradas pela criança - Fala 04	Forma como segmentou
	O caderno éverde escuro.
Nº de palavras consideradas pela criança – Escrita 04	O caderno verde escuro.
Nº de palavras consideradas pela criança – Recontagem 04	O caderno verde escuro.

Fonte: Elaborada pela autora

Observou-se, nessa última coleta, apenas um caso de hipossegmentação na fala ‘éverde’ (é verde) e na escrita a supressão do verbo ‘é’ que se repetiu conseqüentemente na leitura do que a criança escreveu por essa razão a contagem das palavras se equivaleram nessa frase.

Durante a escrita Renan fala baixinho cada sílaba das palavras, mas isso não interfere na segmentação convencional das palavras na escrita:

Renan: O ca der no (fala enquanto escreve) Qual é a palavra mesmo?

Pesquisadora: É verde escuro.

Renan: Tá bem. Ver de es cu (para de escrever e pensa) ro, é ro, escuro, escuro pronto.

Pesquisadora: Tá, quantas palavrinhas têm aí que tu escreveste?

Renan: Um, dois, três, quatro (conta passando o lápis em cima de cada palavra ‘O caderno verde escuro’).

Pesquisadora: Quatro?

Renan: É.

Como se pode observar o fato de escrever silabando não parece interferir mais nas escolhas de onde segmentar as palavras escritas por Renan. Apresenta-se os dados de uma outra

frase, em que a criança parece monitorar mais ainda a segmentação na contagem das palavras na fala, a ponto de perceber que cometeu um equívoco ao separar o pronome ‘eu’ como se fossem duas palavras, como se observa no Quadro 04, que segue:

Figura 04 - Segmentação da frase II - 3ª Entrevista - Renan

2ª Frase: <i>Eu moro na casa amarela.</i>	
Nº de palavras consideradas pela criança - Fala 07	Forma como segmentou E u mo ro na casa amarela.
Nº de palavras consideradas pela criança – Recontagem 06	Eu mo ro na casa amarela.
Nº de palavras consideradas pela criança – Escrita 05	Eu moro da casa amarela.

Fonte: Elaborada pela autora

Inicialmente a criança contou sete palavras na fala, logo em seguida, corrigiu dizendo que eram seis porque o ‘e’ e o ‘u’ precisavam estar juntos na palavra ‘eu’, e manteve a hipersegmentação ‘moro’ (moro). Quando Renan foi escrever acabou trocando a preposição ‘na’ por ‘da’, mas mesmo assim escreveu segmentando convencionalmente cada palavra e respondendo à pesquisadora que cada uma das estruturas segmentadas correspondia a uma palavra.

Verificou-se que a criança manteve por muito tempo a percepção de que palavra corresponderia à sílaba ou à letra. Os casos de segmentação na escrita só diminuíram no final do ano letivo evidenciando um processo de mudança ascendente que transitou por três concepções diferentes de palavra escrita, que inicialmente, considerava a como letra, depois, sílaba e, por fim, passou a admitir o que se considera convencionalmente como palavra. Isso significa dizer que o desafio imposto pela escrita exige que a criança perceba onde cada palavra começa e termina dentro de um contínuo sonoro. E essa não é uma tarefa fácil para a criança em processo de aquisição, uma vez que é a escrita que a coloca, concretamente, diante da necessidade de segmentar em palavras o que ela entende como um contínuo de sinais acústicos (KATO, 2001).

Os dados apresentados neste estudo, reforçam a discussão dos estudos (ABAURRE 1991, 1997; ABAURRE E CAGLIARI 1985; BAEZ,1999; CHACON, 2004; CAPRISTANO, 2007; TENANI, 2004; CUNHA 2004, dentre outros) que inferem que a crianças vão ao longo da alfabetização adquirindo a noção de palavra quando conseguem determinar os espaços em branco entre as palavras convencionalmente.

No entanto, mesmo que a criança finalize o ano letivo segmentando corretamente a escrita, isso também não é garantia de que acontecerá o mesmo na fala, pois a ação de determinar os espaços em branco na escrita, não parece influenciar diretamente na contagem das palavras na fala como no caso de hipersegmentação em 'mo ro' (moro) na contagem das palavras faladas. Isso faz supor, como o estudo de Ferreiro (2004) atestou, que esse ajuste fala/escrito não acontece de forma imediata, mesmo quando a criança não apresenta mais problemas em segmentar as palavras na escrita.

Com situações de ensino sistematizado da escrita, essa concepção pode ir aos poucos sendo alterada. Até que algumas crianças passam a confiar mais no escrito que na fala para dar sua resposta. Não se pode deixar de considerar, no entanto, que pode levar tempo para que a criança consiga correlacionar as concepções de palavra falada/escrita (FERREIRO, 2004). Essa é possivelmente uma tendência que deve ser considerada no processo de constituição da noção de palavra adquirida pela criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados mostram que a noção de palavra construída pela criança vai sendo modificada ao longo do ano letivo. Primeiramente, pode-se mencionar o modo como a leitura foi sendo realizada pela criança, como processo de decodificação que tinha a sílaba como unidade e que se confundia com a própria fala. Com o tempo evolui até apresentar pouquíssimos casos de segmentação não convencional. Em relação à escrita, foi possível observar que os dados de segmentação não convencional demonstram certa sensibilidade da criança com relação ao sintagma fonológico, refletindo a percepção de domínios prosódicos referentes à organização da fala até chegar à segmentação convencional.

Com estes dados pode-se observar que o percurso do aprendiz em direção à noção de palavra (oral e gráfica) bem como a relação entre as duas modalidades da língua (a fala e a escrita) é não linear e está sujeito a constantes ajustes que vão ocorrendo à medida que a criança esteja exposta a situações problema. Embora o contato com a escrita de forma sistemática possibilite perceber, com o tempo, que o processo de segmentação entre as palavras é diferente do fluxo da fala, essa é uma percepção de adultos alfabetizados: o que se junta ao se dizer se separa ao escrever as palavras (FERREIRO, 2013).

Assim, a complexidade que se impõe ao alfabetizando é a construção de outro conceito, distinto daquele que caracteriza sua visão pré-alfabética

de palavra. Segundo Ferreiro (2004), reorganizar uma noção já existente não está no mesmo patamar de quem a está adquirindo. A criança estudada, ao expressar suas concepções sobre a palavra, mostrou o quão oscilantes são suas ideias acerca do que seja uma palavra e, com isso, evidencia-se assim parte de um complexo processo de reestruturação das concepções sobre a língua, o qual é sistematicamente impulsionado pelas práticas de leitura e escrita.

Nessa perspectiva, entende-se que, tanto o conhecimento das teorias linguísticas quanto o entendimento da trajetória da criança, em busca da compreensão do modo como o sistema de escrita funciona, pode proporcionar ao professor alfabetizador melhores ferramentas ao acompanhamento dos processos por que passam seus alunos durante a aquisição da escrita.

Frente a isso, este estudo apresenta contribuições importantes para o campo da alfabetização ao chamar a atenção para a importância de se organizar atividades que permitam à criança expressar suas ideias a respeito do sistema linguístico, tanto falado como escrito, que incidem diretamente no planejamento das ações docentes que evidenciam o quanto o registro gráfico das segmentações realizado pela criança, sem as suas justificativas, revela pouco acerca do que ela estaria concebendo como palavra oral/escrita.

REFERÊNCIAS

ABAUURRE, M. B. M.; CAGLIARI, L.C. Textos espontâneos na 1ª série: evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita. Em: *Cadernos CEDES 14, Recuperando a alegria de ler e escrever*. São Paulo: Cortez Editora. (pp. 25-29). 1985.

ABAUURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*, 1991.

BAEZ, M. La problemática de segmentar el texto escrito en palabras: una indagación psicolinguística. In: CÁRDENAS, V. I. *Segmentación y escritura. Dos estudios sobre adquisición*. Ed. Homo Sapiens. Rosario, 1999.

CAPRISTANO, C.C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 2007. 245p. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CARRAHER, T. N. *O Método Clínico: usando os exames de Piaget*. São Paulo: Cortez, 1989.

CHACON, L. *Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, 2004, p. 223-232.

CHACON, L. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, 2005, p. 77-86.

CUNHA, A. P. N. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Pelotas, 2004. 132p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.

CUNHA, A. P. N. *As segmentações não convencionais na escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu*. Pelotas, 2010. 190p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Pelotas.

KATO, M. *No mundo da escrita*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

FERREIRA, C. R. G. *Um estudo sobre a segmentação não convencional na aquisição da escrita de alunos de EJA*. 2011, 161p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

FERREIRA, C. R. G. *Uma palavra é o nome de cada coisa. Um estudo sobre*

as percepções de crianças do ciclo de alfabetização acerca da palavra oral e gráfica. 2016. 245p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

FERREIRO, E. PONTECORVO, C. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: PONTECORVO, C.; et al. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever.* São Paulo: Ática, p.38-66, 1996.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, E. *Reflexões sobre a alfabetização.* São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRO, E. *O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa.* São Paulo Ed.: Cortez, 2013.

MIRANDA, A. R. M.; VELOSO, J. M. P. A consciência linguística: aspectos fonológicos. *Language Science Press*, Berlim, 2017.

MIRANDA, A. R. M. A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras. *Linguística*, Madrid, v. 30, p. 45-80, 2014.

MIRANDA, A. R. M. Os dados de aquisição oral e escrita e o estatuto das codas mediais do português. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; et al. *Estudos em Aquisição Fonológica* (vol 2). Santa Maria: Pallotti, 2009.

MORAES, A. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? In: *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética.* In: ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *La Prosodia.* Madrid: Visor Distribuciones, S.A., 1986.

PIAGET, J. *A Epistemologia Genética.* Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1972.

TENANI, L. E. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 233-244, 2004.